

Jornalismo em Quadrinhos: Estética e Fenômenos Cotidianos a partir da Observação de Corps e Minorias¹²

Júlio César Rocha Conceição³

Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG

RESUMO

Analizamos a estética do Jornalismo em Quadrinhos (JQ) como um gesto de aparência e produção de presença. Exploramos os conceitos de “público” e “privado” em Arendt (2016) e o papel do jornalismo na criação do espaço público, segundo Aguiar & Barsotti (2016). Discutimos a experiência estética e o processo metodológico com base em Gumbrecht (2010). O corpus inclui *Três mulheres da craco* de Ito (2022). Nosso critério de análise destaca as ideias de Butler (2018) sobre “performatividade” e “precariedade”. Concluimos que, na reportagem, o sujeito deixa de ser fonte para se tornar testemunha.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo em Quadrinhos; Corps e Minorias; Precariedade e Performatividade; Presença; Espaço Público.

INTRODUÇÃO

Ao identificar no JQ uma demanda significativa por recontar histórias muitas vezes esquecidas, ignoradas ou desconhecidas, iniciamos nossa discussão argumentativa. Nosso objetivo é problematizar o JQ tanto como um campo que promove totalizações das experiências públicas contemporâneas quanto como um espaço que permite a ressonância de algumas dessas experiências. Isso reflete um tempo presente que exige, em sua atualidade, uma prática jornalística e um interesse público influenciados por elementos ficcionais e imagéticos, nos quais um passado se revela, se expressa e se torna evidente. Como o JQ nos contextos contemporâneos reflete demandas e expectativas sobre o jornalismo e nossa presença na esfera pública? Que experiências compartilhadas são influenciadas pelo JQ em uma realidade cheia de desafios, compreensão e conflitos? Analizamos a estética do JQ como um meio para visualizar futuros possíveis. A escolha

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Corporalidades e Minorias, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Este texto é baseado em um trabalho apresentado no Intercom Sul em 2024. As modificações presentes resultam de uma pesquisa continuada nos últimos meses. Esse texto e a apresentação no congresso são reflexões da nossa pesquisa de doutorado finalizada em março de 2025 pelo PPGCOM-UFJF, no âmbito do doutorado em Comunicação e Sociedade.

³ Doutor em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG-Unidade Frutal). E-mail: julio.conceicao@uemg.br.

da reportagem em quadrinhos *Três mulheres da Craco* é justificada pela sua construção baseada em personagens e histórias reais que foram afetadas de forma significativa. A narrativa combina texto jornalístico com ilustrações, representando os indivíduos na Cracolândia e seus cenários. Ela evidencia contextos marginalizados e as dificuldades enfrentadas devido ao descaso do poder público e da sociedade. Os posicionamentos de Hannah Arendt (2016) são essenciais para desenvolver o jornalismo, destacando a importância da ética e da pluralidade de opiniões nos espaços públicos e políticos. Como metodologia, recorreremos à noção de experiência estética formulada por Hans Ulrich Gumbrecht (2010) visando uma aproximação com os fenômenos do cotidiano. Como aporte dessa discussão e como critério de análise, destacamos a proposta de Judith Butler (2018) a partir dos termos “performatividade” e “precariedade” considerando-se a proposta do direito de aparecer como um enquadramento de coligação, que liga as minorias sexuais e de gênero às populações precárias de modo mais geral.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Arendt (2016) identifica três atividades básicas dos seres humanos. Primeiro, o *labor*, que se relaciona ao processo biológico do corpo e à vida. Segundo a *obra* ou trabalho está ligada à não-naturalidade da existência humana e à mundanidade. Terceiro, a *ação*, que refere à pluralidade humana, ao serem os homens, e não o Homem, que vivem na Terra e habitam o mundo. Arendt (2016, pp. 61-62) define “público” como tudo que pode ser visto e ouvido por todos. A realidade surge dessa visibilidade e audição mútuas. Os pensamentos e paixões individuais permanecem obscuros até serem verbalizados e se tornarem públicos. Essa pluralidade não garante vitória sobre qualquer forma de precariedade, mesmo sendo uma articuladora de representações únicas. Hoje, “privatividade” não é somente privação, mas também abrigo do íntimo. Segundo Arendt (2016), a esfera privada está mais relacionada ao social do que à política. Assim, a ação deve restaurar a pluralidade humana, criando um espaço aberto às diferenças, atualizando o mundo comum. Esse espaço público se torna um local de poder, focado no discurso e persuasão pública. De acordo com Aguiar e Barsotti (2016), os jornais contribuíram para a construção do conceito de “público” da maneira como o entendemos atualmente. Na era pré-capitalista, os jornais pioneiros atuaram como porta-vozes do Estado Moderno. Assim, as autoridades reconheceram que a imprensa seria essencial aos seus interesses.

Conforme os autores (2016, p. 197), esse jornalismo moderno anunciava que os jornais não deveriam servir aos políticos, mas sim aos leitores. De qualquer forma, a notícia foi transformada em mercadoria, pois este jornalismo estava relacionado às mudanças econômicas e sociais daquele período, ou seja, vinculava-se ao surgimento de uma sociedade democrática de mercado junto à emergência de uma classe média urbana e sua aspiração por igualdade social. A tradição literária, anterior ao jornalismo profissional, foi retomada em 1960 pelo Novo Jornalismo, período em que os jornalistas registravam suas observações pessoais. Nossa pesquisa seleciona e revela realidades escondidas mediante narrativas em quadrinhos, destacando ações e debates importantes no espaço público. Utilizamos o pensamento de Hans Ulrich Gumbrecht (2010) para entender a experiência estética e sua relação com fenômenos cotidianos. Conforme Telles (1990), a realidade objetiva não pode ser reduzida a um fator lógico ou subjetivo, pois se deve considerar os desafios do mundo comum. Diante de uma experiência subjetiva incerta, as pessoas confiam em suas próprias subjetividades, o que pode levar à busca de objetivos pessoais. Viver uma vida totalmente privada resulta na falta de coisas essenciais: ser visto e ouvido pelos outros, conectar-se e separar-se deles no mundo comum, e realizar algo que transcenda a própria vida. O mundo comum é construído pelo espaço público, baseado nas diferenças e não somente no ordinário, onde experiências pessoais e subjetivas têm validade na vida privada. A pluralidade se encontra nesse contexto.

ANÁLISE

Três mulheres da Craco descreve a experiência de mulheres Cis e Trans na região da Cracolândia, em São Paulo, durante a pandemia de Covid-19. A narrativa aborda as dificuldades causadas pelo preconceito e pela falta de itens básicos de sobrevivência, além de falar sobre resistência e redes de apoio organizadas por mulheres. As diversas perspectivas apresentadas no espaço público pela narrativa gráfica da reportagem em quadrinhos refletem a condição humana diante dos relatos jornalísticos, discurso e testemunhos dos fatos provenientes das fontes entrevistadas. Carmen Lopes reside nas proximidades da área conhecida como Cracolândia, no centro de São Paulo, onde se concentra a maioria do comércio de drogas, notadamente o crack. Diariamente, ela se dirige até o teatro Mungunzá, sede do coletivo Tem Sentimento, que foi fundado por ela visando prestar apoio a mulheres cis e trans que vivem na Cracolândia. Segundo Carol

Ito (2021), essas pessoas estão presentes há vários anos e não cederam seu território ao poder público nem à sociedade que tanto as criticam. Aqueles que não se enquadram ou não podem se enquadrar nas normas estabelecidas pela hegemonia oferecem uma perspectiva para refletirmos sobre poder, atuação e resistência. Observamos, através da narrativa gráfica, que as protagonistas da trama rejeitam as normas sexuais e de gênero que determinam quem pode ser reconhecido ou não. Eles formam um grupo que busca entender como a exposição à violência de gênero pode ser uma base para a resistência (BUTLER, 2018). A reunião de corpos, mesmo em silêncio, demonstra que não são descartáveis. Essa ação simboliza a interdependência entre aqueles que vivem precariamente e a resistência à falta de infraestrutura e direitos. Juntos, sentem-se mais fortes e menos amedrontados pela brutalidade social, protegendo-se contra ações de autoridades e empresários que os querem fora do caminho em nome do progresso. De acordo com Butler (2018, p. 26), a performatividade inclui o exercício e a vontade de usufruir do direito de aparecer. A precariedade tem se tornado cada vez mais evidente; no entanto, o óbvio passa frequentemente despercebido. A não aceitação do outro como ele se manifesta resulta em uma falta de inteligibilidade que expõe esse indivíduo a um risco maior de assédio, violência e questões patológicas. Segundo Butler (2018), as normas de gênero estão relacionadas à forma como se pode aparecer no espaço público, à diferenciação entre os espaços público e privado, e ao uso dessa diferença como instrumento a serviço da política sexual. Por fim, a subsistência do corpo limitada às necessidades não permite que o indivíduo se torne visível; ao contrário, a ausência de consideração política no espaço público, em relação aos critérios de liberdade, impede sua concretização.

RESULTADOS DE PESQUISA

Observamos que o testemunho aparece como parte da apuração, e a reportagem é relevante porque nela o indivíduo deixa de ser fonte e se torna testemunha. Neste contexto, antes de significar somente “verdade”, o jornalismo apresenta algo que está ocorrendo em algum lugar do mundo e cabe a nós, enquanto cidadãos, discutir na pluralidade se aquilo é factual. Carol Ito desempenha o papel de jornalista que está in loco apresentando questões que, geralmente, não são abordadas nas mídias tradicionais,

que costumam mostrar o lado problemático da Cracolândia, onde os usuários de drogas são frequentemente retratados como criminosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, os testemunhos de *Três mulheres da Craco* ajudam a criar um mundo comum e humano, fazendo da reportagem em quadrinhos um espaço público que preserva memórias. As narrativas tornam-se visíveis, permitindo que nossa imaginação vá além do texto. A importância de cada indivíduo na Cracolândia é reconhecida em sua singularidade. A experiência estética pode ser individual ou coletiva; ao acompanhar a população da Cracolândia pelo JQ, podemos visualizar seus movimentos, falas, emoções e situações, refletindo a realidade desses indivíduos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel e BARSOTTI, Adriana. **O jornalismo e os dilemas da contemporaneidade: o eu, o aqui é o agora**. Revista Mídia e Cotidiano. Número 10, dez. 2016.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembléia**. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. RJ: Contraponto, 2010.

ITO, Carol. **Três mulheres da Craco. Uma reportagem ilustrada**. Edição 184, janeiro 2022. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/tres-mulheres-da-craco/>> Acesso em: 24/04/2022.

TELLES, Vera da Silva. **Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt**. Tempo Social; Rev. Social. USP, S. Paulo, VOLUME 1(1), 1990. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ts/a/sshm6whMhgZSMk7tmQ8CsQx/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 21/04/2023.